



Agora que são elas: a liderança do pastorado feminino

Now it's their turn: the leadership of the female pastoral ministry

Graziela Silva Chantal*

Resumo: O ambiente eclesial muitas vezes impõe um modelo hierárquico, tido como ideal, que é o modelo patriarcal. Nele as lideranças masculinas detêm a liderança e o poder. Sendo assim, não há muito espaço para as lideranças femininas, ou seja, para as mulheres que exercem o pastorado. Gênero é um assunto que vem sendo discutido em muitos âmbitos da sociedade. Nesse trabalho vamos ressaltar sua ocorrência no espaço eclesial. As relações de gênero perpassam os espaços público e privado, por isso também devem ser abordadas nas Igrejas. O presente artigo apresenta dados de uma pesquisa de campo realizada no mestrado em Ciências da Religião/PUC-Minas. Um dos objetivos foi investigar como se organiza a liderança e o poder das Igrejas fundadas e lideradas por mulheres pastoras. A pesquisa de campo foi realizada no bairro General Carneiro, em Sabará/MG, local no qual mulheres pastoras vêm assumindo cargos de lideranças nas Igrejas fundadas por elas, por meio do que denominam “chamado de Deus”. A pesquisa foi realizada por meio de estudos de casos através de entrevistas com questionários semiestruturados, gravadas e transcritas. Nos dados levantados nas entrevistas feitas com as pastoras, as suas auxiliares e as e os membros, verificou-se que o poder que as mulheres pastoras adquirem para fundarem e liderarem as suas Igrejas não depende de uma determinação da cultura patriarcal. O feminino assume uma liderança no espaço eclesial, lugar que até então era dominado pela cultura do patriarcalismo.

Palavras-chave: Poder. Liderança. Gênero. Igreja. Religião.

Abstract: The ecclesial environment often imposes a hierarchical model, considered ideal, which is the patriarchal model. In it the male leadership holds the leadership and the power. As such, there is not much room for female leaderships, that is, for women who exercise the pastoral ministry. Gender is a subject that is being discussed in many areas of society. In this work we will highlight its occurrence in the ecclesial space. Gender relations permeate public and private spaces, that is why they must also be addressed in the Churches. This article presents data from a field research carried out in the Master in Science of Religion Program at PUC-Minas. One of the objectives was to investigate how the leadership and power of the churches founded and led by women pastors is organized. Field research was conducted in the General Carneiro neighborhood of Sabará, MG, where women pastors have taken on leadership positions in the churches they founded, through what they call the "call of God." The research was carried out through case

* Mestranda em Ciências da Religião e Psicóloga pela Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista CAPES. Especialista em Psicologia Hospitalar pelo IEP Santa Casa de Belo Horizonte. E-mail: coachgrazielachantal@gmail.com



studies through interviews with semi-structured surveys, recorded and transcribed. The data gathered from interviews with pastors, their assistants, and members showed that the power that women pastors acquire to found and lead their churches does not depend on a determination of the patriarchal culture. The female assumes a leadership in the ecclesial space, place that until then was dominated by the patriarchal culture.

Keywords: Power. Leadership. Gender. Church. Religion.

Introdução

O campo religioso no século XX foi um dos que sofreu impactos das ideias feministas, que modificou práticas sociais, políticas e também religiosas. Maria José Rosado Nunes diz que o século XX sofreu mudanças significativas no campo religioso. Uma dessas mudanças está relacionada com as ideias feministas e com as conquistas de novos espaços dentro da espiritualidade. Esses acontecimentos abriram os caminhos para que as mulheres passassem pouco a pouco a resistir ao poder disciplinador da religião, que demarca o espaço eclesial como próprio do masculino. A autora afirma que:

A observação empírica mostrou as religiões como espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre em todas as sociedades como forças conservadoras. Dadas certas circunstâncias, elas podem funcionar como forças mobilizadoras, levando as mulheres a resistirem ao seu poder disciplinador.¹

No âmbito das pesquisas que têm sido realizadas acerca das relações de gênero, verifica-se que a mulher vivencia na religião novas possibilidades, dentre as quais, a de liderança eclesiástica. Muitas pesquisas vêm sendo realizadas sobre a temática, mulheres que fundam e lideram suas Igrejas. Como é o caso das dissertações de Rosane Aparecida de Souza Guglielmoni² em Belo Horizonte/Contagem e Janine Targino da Silva³ na Baixada Fluminense no Rio de Janeiro. Ambos os trabalhos discorrem sobre as mulheres pastoras que usam do discurso divino para assumirem o sacerdócio, abrirem e liderarem suas próprias Igrejas, com a justificativa de que é um “chamado de Deus”. E também a tese de doutorado de Claudirene Bandini⁴ sobre mulheres que lideram Igrejas, o qual ressalta sobre a liderança das mulheres para o pastoreio nas

¹ NUNES, Maria José Rosado. A sociologia da religião. In: USARSKI, Frank (Org.) et al. *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 111.

² GUGLIELMONI, Rosane Aparecida de Souza. *Religião e gênero: Igrejas evangélicas fundadas por mulheres na região industrial de Contagem, Minas Gerais*. [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – PUC/Minas, 2015.

³ SILVA, Janine Targino da. *Lideranças pentecostais femininas: um estudo sobre a fundação de igrejas evangélicas por mulheres em Nova Iguaçu – RJ*. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

⁴ BANDINI, Claudirene. *Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais*. Salvador: Editora Pontocom, 2014.

Igrejas. Esses trabalhos indicam que o protagonismo das mulheres e a abrangência que as pesquisas a respeito da relação gênero e religião vêm ganhando espaço no meio acadêmico.

Um dos objetivos da pesquisa de campo foi verificar como se organiza a liderança eclesiástica das mulheres pastoras e como é a questão do poder dessas pastoras em suas novas Igrejas. A pesquisa focou em verificar se a organização hierárquica da liderança das mulheres pastoras é influenciada pela cultura eclesiástica anterior, ou se a organização, como era suposto, decorre de um empoderamento com base na noção de ordenamento divino.

Foi realizado um estudo de caso por meio de entrevistas semiestruturadas para investigar o objetivo descrito acima. Foram entrevistadas três pastoras em Igrejas distintas, suas auxiliares, e três membros de cada uma das três Igrejas foram entrevistados.

O perfil das igrejas e das pastoras pesquisadas é apresentado a seguir.

Perfil das Igrejas

Segundo as três pastoras, as suas Igrejas estão em fase de expansão, o número médio de membros que frequentam as Igrejas é de aproximadamente quarenta pessoas, compostas por mulheres e homens residentes no bairro General Carneiro. Em todas as três Igrejas há uma pastora auxiliar.

Sobre o funcionamento e a organização das Igrejas, todas as pastoras afirmam que o funcionamento é como em qualquer Igreja. Ocorre os cultos de cura e libertação durante a semana, culto de jovens aos sábados e o culto oficial aos domingos. No entanto, afirmam que a organização da liturgia é dirigida por Deus.

A respeito do significado dos nomes, cada pastora fundadora determina o nome da sua igreja. Ao serem questionadas sobre o porquê do nome, afirmam que foi um nome dado por Deus.

Na pesquisa de campo, no que diz respeito aos nomes dados pelas pastoras líderes às suas Igrejas, algo chama a atenção. Por exemplo, no Ministério Pentecostal Restaurando a Igreja de Deus, a pastora líder afirma que a sua Igreja veio para restaurar pessoas feridas. Ou seja, a Igreja que ela fundou já esperava por pessoas que precisavam ser restauradas e a pastora tem um “chamado de Deus” para fazê-lo.

Na Igreja Pentecostal Guerreiras do Altíssimo, a pastora líder afirma que esse nome é porque são mulheres que guerreiam. Pode-se dizer, através da explicação sobre o nome da sua Igreja, que a pastora fundadora vê uma luta, e que essa luta é das mulheres? Ou essa luta deve ser liderada pelas mulheres?

Já na Igreja Pentecostal Ministério Dar-te-ei a coroa da vida, a pastora líder afirma que a Igreja é para restaurar pessoas feridas, nesse caso, o nome da Igreja não tem associação com



coroa da vida. Mas pode-se dizer que a pastora fundadora e líder se autodenomina uma porta voz de Deus? Aqui enfatiza-se a questão do chamado de Deus que todas as pastoras afirmam ter. Ao nomear a sua Igreja, especificamente essa pastora, se apossa do “chamado de Deus”, e se coloca em um lugar de emissária de Deus. Como se ela, pelo poder que lhe foi investido, também tivesse a autoridade de dar a “coroa da vida” para as pessoas que frequentam a sua Igreja.

No item seguinte será detalhado o perfil das pastoras.

Perfil das pastoras

As três pastoras afirmam que saíram de Igrejas pentecostais lideradas por pastores homens. A idade média das três pastoras é de quarenta anos, são casadas e possuem filhos. Sobre a profissão das pastoras, duas delas afirmam que a profissão é ser pastora e possuem formação do ensino médio. Somente uma pastora designa a sua profissão relacionada à sua formação técnica, que é técnica em mineração, mas que no momento não exerce a profissão e só é pastora. Ter o pastoreio como principal profissão seria uma forma de se autoafirmarem em um lugar que nomeia melhor a sua vida profissional, se não somente serem do lar.

Quando afirmam que o pastoreio é a principal profissão, as pastoras se apropriam de um lugar, possuem uma identidade que não é somente ser “do lar”. Com a liderança nas Igrejas, elas ganham status. Até porque, dentro de muitas Igrejas, as mulheres são vistas como ajudadoras da organização e limpeza. A autora Elizabeth Schüssler Fiorenza ressalta sobre o papel da mulher na Igreja, o qual se assemelha às tarefas domésticas, pois sendo a Igreja a extensão do lar, ela limpa, organiza, mas não tem voz ativa, não decide e não lidera⁵.

Em algumas Igrejas, quando a mulher se propõe a ensinar, pregar ou realizar algum papel de liderança, são vistas como ameaça ao domínio patriarcal. Caso uma mulher chegue a fazer uma pregação em uma Igreja que é contra o pastorado feminino, isso seria algo eventual. Em Igrejas tipicamente onde a liderança é de um pastor homem, assumir as pregações é uma atividade masculina, pertencente à função “sagrada” pastoral. Às mulheres fica destinado as funções que lidam com o cuidado maternal e doméstico: ensino, apoio e assistência.

Para Joan Scott, novos temas surgiram a partir dos estudos de gênero⁶. O melhor seria se a história pudesse ser reescrita, tornando as mulheres como sujeitos da história, para que assim houvesse transformação nos dogmas e paradigmas que circundam o conhecimento humano. Mas o meio acadêmico em muito precisa melhorar sobre a pesquisa no que tange às mulheres. Talvez isso ainda ocorra porque esse espaço, ou seja, o campo do conhecimento

⁵ FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

⁶ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Sociedade*. Porto Alegre: Faculdade de Educação da Universidade do Rio de Grande do Sul, 1990.



científico, ainda é de domínio masculino. Sendo assim, a história da pesquisa das e sobre as mulheres, fique em um segundo plano.

Ao falar sobre as mulheres, se faz necessário ressaltar sobre as questões de gênero, tema esse que tem ganhado espaço de pesquisa no meio acadêmico e também no âmbito da religião.

A definição de gênero utilizada é da autora Joan Scott. É apresentado também a relação de gênero e a religião.

Conceito de gênero

O termo gênero começa a ser utilizado pelas feministas em 1970, mas foi com Simone de Beauvoir, em 1949, no seu livro "O Segundo Sexo", que começaram os estudos sobre gênero. Para Beauvoir, o termo gênero abrange questões sociais, culturais e psicológicas do ser homem e do ser mulher.⁷

Joan Scott afirma que para se referirem à organização social da relação entre os sexos, as feministas começaram a utilizar o termo gênero⁸. O termo é uma forma de não aceitar a determinação da biologia na utilização da palavra "sexo ou diferença sexual". Gênero foi um termo utilizado, inicialmente, pelas feministas americanas, que diziam que a pesquisa sobre mulheres modificaria os paradigmas disciplinares, não somente com novos temas, mas com estudos mais críticos do trabalho científico existente.

Nós estamos aprendendo, escreviam três historiadoras feministas, que inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas.⁹

Assim, o termo gênero serviu para indicar "construções culturais". Segundo Scott, a definição "gênero" é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. A autora não universaliza o conceito de gênero, diz de uma categoria que é relacional, ou seja, homem/mulher. "No uso descritivo, o termo gênero é relacionado ao estudo de coisas relativas às mulheres, o gênero é um novo tema, um novo domínio da pesquisa histórica, mas não tem poder analítico suficiente para questionar (e mudar) os paradigmas históricos existentes."¹⁰

⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Vol. I, II. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

⁸ SCOTT, 1990.

⁹ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. 2. ed. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1995, p. 73.

¹⁰ SCOTT, 1995, p. 76.

Segundo Linda Woodhead, as mulheres precisam assumir um novo papel de gênero, abolir o gênero tradicional carregado de pré-conceitos e paradigmas arraigados no próprio discurso feminino. Para isso, faz-se necessário um novo conceito de gênero, em que o feminino é visto não em condição de vulnerabilidade, mas em condição de autonomia para assumir lideranças e para não aceitar imposições de opiniões cunhadas [no berço do pré-concebido], ou seja, na cultura patriarcal androcêntrica¹¹.

Segundo Sandra Duarte de Souza e Naira Pinheiro dos Santos (2015), a relação de gênero e estudos feministas possui pouca abrangência nos estudos sobre religião. Em contrapartida, a religião também não tem muito espaço de pesquisa dentro dos estudos feministas. “No âmbito dos estudos de religião, os Estudos Feministas permitiram o questionamento e a desconstrução dos discursos de verdade baseados na evocação de pressupostos religiosos para afirmar e perpetuar desigualdades de gênero.”¹²

Gênero e religião

Para Elizabeth Schüssler Fiorenza, as mulheres são oprimidas enquanto líderes e o seu poder é rechaçado pela opressão de dominação do patriarcalismo, justificado pelos textos bíblicos, principalmente no Novo Testamento, em que as mulheres são colocadas à margem da história bíblica. Por vezes, as mulheres são lembradas somente como algo negativo, assujeitadas em um lugar de submissão e servidão. A autora ressalta a questão das mulheres em relação à religião e afirma que o discurso linguístico é masculino, voltado para o homem. A mulher é o outro, ela não é vista como um sujeito, mas sim relativa ao homem. É importante haver estudos que abarquem as mulheres, pois até então os textos bíblicos são contados a partir da cultura androcêntrica. “A teologia cristã feminista e a interpretação bíblica estão o processo de redescobrimto do que o evangelho cristão não pode ser proclamado se não se recordarem as discípulas mulheres e o que elas fizeram.”¹³

De acordo com Fiorenza, o argumento de algumas feministas de que a interpretação bíblica é a partir de uma perspectiva masculina, pouco justifica a falta de espaço e da presença das mulheres nas igrejas no âmbito da liderança. É muito para além disso, a bíblia é feita pelo homem e escrita por eles, a partir de um discurso proveniente de uma cultura patriarcal¹⁴.

Segundo Anete Roese, as mulheres são lembradas somente como algo negativo, permanecem em um lugar de submissão e servidão. Ainda que a cultura patriarcal tente ditar essa

¹¹ WOODHEAD, Linda. Mulheres e Gênero: uma estrutura teórica. In: *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 1-11. São Paulo, 2002.

¹² SOUZA, Sandra Duarte; SANTOS, Naira Pinheiro dos. Estudos Feministas e religião: tendências e debates. In: SOUZA, Sandra Duarte; SANTOS, Naira Pinheiro dos. 1. ed. Curitiba: Primas, 2015, p. 15.

¹³ FIORENZA, 1992, p. 10.

¹⁴ FIORENZA, 1992.

regra para as mulheres, a autora afirma que “as mulheres estão criando com autenticidade e responsabilidade espaços e caminhos alternativos aos das religiões hegemônicas, suas estruturas e discursos.”¹⁵

Segundo Fiorenza, nos estudos sobre a religião, o papel das mulheres como líderes é negligenciado¹⁶. Algumas pesquisas sobre religião pouco se ocupam em pesquisar a relação de gênero e o feminino. Quando o fizeram, baseavam a pesquisa numa separação entre a administração da comunidade para o homem e a manifestação religiosa como uma extensão do trabalho doméstico para as mulheres. As responsabilidades do lar eram das mulheres, assim também como as responsabilidades do templo.

Para essa mesma autora, a conquista das mulheres como líderes religiosas possibilita para elas o alcance de um lugar que não abrange somente a vida doméstica, mas chegam a despertar os interesses de outras mulheres, em outros âmbitos da sociedade. Segundo ela, as mulheres quando se propõem a ensinar, a pregar ou a realizar algum papel de liderança nas Igrejas, são vistas como ameaças ao domínio patriarcal. A religião como instituição social não consegue impor sobre as mulheres a dominação conservadora imposta pelo patriarcalismo masculino, pois as feministas também buscaram seu empoderamento dentro dos espaços religiosos e não aceitaram a submissão direcionada a elas.

A teóloga católica Ivone Gebara ressalta que é difícil para as mulheres no meio eclesial lidar com as hierarquias dentro da realidade cristã¹⁷. As mulheres, mesmo com um histórico de excelência em fé cristã, marcadas pela força de luta revolucionária, como trabalhadoras e pensadoras, encontram dificuldades na teologia patriarcal, porém rompem essa cultura com uma voz que ecoa e passam a exercer um novo jeito de viverem a Igreja.

Nos itens a seguir apresento os dados da pesquisa no que tange liderança e poder nas Igrejas pesquisadas.

Agora que são elas: o pastorado feminino, como se dá a liderança e poder

A seguir, são apresentados os dados que apontam como se dá a liderança e o poder das Igrejas pesquisadas. Esses dados foram coletados nas entrevistas realizadas com as pastoras. A pergunta feita às pastoras foi: Por que você fundou e lidera a sua própria igreja? As três mulheres pastoras entrevistadas afirmaram que abriram suas Igrejas não por uma questão feminista, mas tiveram um “chamado de Deus”. Essas mulheres pastoras rompem com as suas Igrejas de origem

¹⁵ ROESE, Anete. Religião e feminismo descolonial: Os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI. In: *Revista Horizonte*, vol. 13, n. 39, p. 1534-1558, Belo Horizonte: PUC Minas, 2015, p. 1556.

¹⁶ FIORENZA, 1992.

¹⁷ GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

para exercerem o pastoreio por meio do discurso divino e longe da liderança masculina, que impunha limites para essas mulheres liderarem dentro das Igrejas.

Segundo Ivone Gebara, o poder que as mulheres sofrem fez com que essas ficassem debaixo de uma submissão, sobre um autoritarismo daqueles que detém o poder, ou seja, a cultura patriarcal. “As mulheres foram e ainda são vítimas de uma forma autoritária e excludente de viver o poder.”¹⁸ Gebara ressalta sobre a ideia de nobreza que os homens acham que possuem em relação às mulheres. O poder exercido sobre as mulheres fez com que ficassem inferiorizadas em relação aos homens, ou seja, sobre um autoritarismo daqueles que detém o poder, a mercê de uma cultura patriarcal. A autora ressalta ainda sobre a questão hierárquica no campo religioso. Sua intenção é elaborar um conceito de Deus que não abarque somente a cultura patriarcal androcêntrica, numa visão totalizante baseada em uma construção social e cultural.

Os homens responsáveis pelo sagrado poder e sagrado saber [...] não podem suportar uma intrusa em seu domínio: ela os ameaça como Prometeu ameaçou os deuses. E é em nome de seu bem e em nome de Deus que eles interceptam seu caminhar. Segundo a interpretação deles, interceptam na realidade ‘a errância de sua alma’ por demais preocupada com o saber, interceptam seu desejo de transgredir as leis da natureza feminina, para entrar no universo masculino. Sem acesso à sua meta desejada, ela aceita a única solução possível: obedecer, calar-se e deixar-se morrer.¹⁹

Nas Igrejas, nas quais faziam parte antes, onde os líderes eram pastores homens, as três pastoras não eram designadas pastoras e nem possuíam cargos de liderança. Mas, segundo elas, após um “chamado de Deus”, saíram dessas Igrejas e fundaram as suas Igrejas. Quando perguntei sobre o objetivo ao fundarem suas Igrejas, as pastoras disseram que suas Igrejas têm como objetivo restaurar as pessoas que saíram de outras Igrejas magoadas com a liderança anterior, pessoas feridas e que precisam de ajuda.

Nesse aspecto, podemos inferir que assim como as três pastoras saíram feridas das Igrejas as quais faziam parte, elas se apropriam do poder dado por Deus para serem pastoras, para que assim possam ajudar a tratar pessoas que também estão feridas com as Igrejas anteriores. Se saíram feridas e magoadas, quem as ajudou? Como estão preparadas para “tratar” pessoas feridas se ainda possuem feridas em si mesmas?

No que tange a liderança das Igrejas, foi questionado: Quem manda em suas Igrejas? Majoritariamente a resposta foi “eu”, ou seja, as três pastoras assumem a liderança. Ao questionar se os membros apoiam a liderança das pastoras, elas afirmam que os membros apoiam e respeitam. As três pastoras responderam na entrevista que a liderança das mesmas é “firme”,

¹⁸ GEBARA, Ivone. *Poder e não poder das mulheres*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991, p. 11.

¹⁹ GEBARA, 2000, p. 66.



“exigente” e “forte”. Afirmam que a liderança é direcionada por Deus, por isso não encontram problemas, e quando precisam corrigir algum membro, não há dificuldades por serem mulheres, pois usam da “autoridade dada por Deus”, o que para elas facilita a relação com os membros, pois respeitam e aceitam a liderança das mesmas.

Sobre a opinião das pastoras auxiliares sobre a liderança das pastoras presidente, é unânime afirmarem que é uma liderança direcionada por Deus. Isso reafirma o que as pastoras designam como “chamado de Deus” para fundarem e liderarem as suas Igrejas.

As mulheres não obtêm o poder oriundo da cultura patriarcal, autorizado pelos líderes eclesiais. Mas, sobretudo, um poder dado por Deus, o que as pastoras líderes denominam de “chamado de Deus”. As mulheres pastoras da pesquisa também enfatizam sobre esse chamado divino. Isso pode ser visto como uma legitimação divina do pastorado dessas mulheres, sem uma intermediação ou aprovação humana.

A membresia entrevistada possui opiniões parecidas sobre a liderança das suas pastoras líderes. Definem a liderança como forte, compreensiva e atenciosa. Avaliam as relações pessoais com as pastoras líderes como sendo de cuidado e harmonia. Isso se confirma quando respondem sobre o fato de serem pastoreados(as) por uma mulher. Todos afirmam que é um pastoreio de cuidado. Um membro chega a dizer que é como ter uma mãe.

Concluo que mesmo que as mulheres pastoras assumam lugar de liderança e poder em suas Igrejas, o papel de cuidadora é algo muito forte. Será que ao pastor homem também seria dito que o seu cuidado é de um pai? Às mulheres parece que sempre será obrigatório o lugar do cuidado e da proteção. A liderança vem acompanhada da maternidade. Líderes sim, mas ainda mães, gentis, protetoras. Mas quando fundam e lideram suas próprias Igrejas, as mulheres pastoras, se antes estavam debaixo da autoridade de um pastor homem, constroem para si uma liderança religiosa, onde assumem a organização e o funcionamento das suas Igrejas e conseguem comandar todos os assuntos que diz respeito às suas Igrejas.

Apesar das mulheres possuírem uma história, a respeito do ministério pastoral, em muitas Igrejas as mulheres quase sempre exercem funções iguais às que desempenham no lar. Elas não podem assumir cargos administrativos, os homens detêm esse poder. Às mulheres cabem as atividades domésticas ou de cuidadoras da parte social das Igrejas.

Em sua pesquisa de mestrado, denominada “A mulher na hierarquia evangélica: o pastorado feminino”, Maria Goreth Santos afirma que, ainda que em muitas Igrejas aceitem o pastorado feminino, são os homens que lideram a hierarquia dentro das Igrejas²⁰.

Na obra “A dominação Masculina”, Pierre Bourdieu trata exatamente sobre a dominação do masculino sobre o feminino. Para o autor, essa dominação, que é algo construído historicamente, é exercida através de uma violência simbólica. Ele afirma:

[...] O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação [...] Assim a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõem [...]²¹

Observa-se que as três pastoras entrevistadas concentram em suas mãos o poder dentro das Igrejas. Ou seja, assim como era nas Igrejas as quais faziam parte, de liderança masculina, onde o pastor detinha todo o poder de organização e autoridade. As pastoras pesquisadas não apresentam diferença no que tange ao poder, já que também detêm a liderança das suas Igrejas em suas mãos. Se antes estavam debaixo de uma autoridade masculina que as impediam de exercer o “chamado de Deus”, ao fundarem e liderarem as suas Igrejas perpetuam um poder dominador. Possuem as suas pastoras auxiliares, mas não compartilham essa liderança. Concentram em si mesmas o poder: Por que as pastoras líderes possuem o “chamado de Deus”, mas as pastoras auxiliares não?

O poder está por toda parte. Muitas vezes, está presente onde é ignorado e não é reconhecido. Portanto, pode-se dizer de um poder invisível.

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem genealógica: o sentido imediato do mundo [...] O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder [...]²²

Na obra de Pierre Bourdieu intitulada “O Poder Simbólico”, o autor afirma que na relação dialética há uma imposição e aceitação de poder, exercido sobre aqueles que permitem, ou seja, que acabam comungando de um assujeitamento imposto por quem detém o poder.

²⁰ SANTOS, Maria Goreth. *A mulher na hierarquia evangélica: o pastorado feminino*. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

²¹ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. Ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 49-50.

²² BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989, p. 9-15.

Na dominação temos de um lado quem domina e, de outro lado, quem é dominado, quem obedece. Está é uma relação desigual. Podemos dizer que a dominação equivale a uma relação de poder. Segundo Max Weber, “dominação é um caso especial do poder.”²³ A dominação se legitima dentro das instituições sociais, através do discurso de que são necessárias para a manutenção da ordem social.

Por ‘dominação compreenderemos, então aqui, uma situação de fato, em que uma vontade manifesta (‘mandado’) do dominador’ ou dos ‘dominadores’ quer influenciar as ações de outras pessoas (do ‘dominado ou dos ‘dominados), e de fato as influencia de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações (‘obediência’).²⁴

Max Weber²⁵ ressalta sobre três tipos de autoridade: a racional-legal, a tradicional e a carismática. Consequentemente, essas autoridades correspondem a três tipos de legitimidade: a racional, a puramente afetiva e a utilitarista racional. A dominação racional-legal se dá por meio das leis. Um grupo de pessoas se submete às regras estabelecidas, que determina em qual medida e a quem as e os indivíduos obedecerão. Já a dominação tradicional, é aquela baseada por um costume, vem de geração em geração na cultura e na sociedade. Por fim, a dominação carismática, baseia-se na superioridade dos líderes em relação aos subordinados. Esse tipo de dominação baseia-se no carisma, uma qualidade que o líder possui envolto por dons mágicos e/ou sobrenaturais. Sendo assim, pode ser visto como um herói. Esse tipo de dominação pode estar presente nos grupos religiosos, onde há pessoas que seguem a liderança de uma Igreja, por exemplo.

Essa mesma fonte ressalta sobre o líder carismático:

O líder carismático ganha e mantém a autoridade exclusivamente provando sua força na vida. Se quer ser profeta, deve realizar milagres; se quer ser senhor da guerra, deve realizar feitos heroicos. Acima de tudo, porém, sua missão divina deve ser ‘provada’, fazendo que todos os que se entregam fielmente a ele se saiam bem. Se isso não acontecer, ele evidentemente não será o mestre enviado pelos deuses.²⁶

Em relação às pastoras pesquisadas, a autoridade carismática é a que mais se adequa à liderança das mesmas. Esse fato é confirmado por meio dos discursos das pastoras auxiliares e da membresia entrevistada, pois é um discurso de caráter sentimental. As pastoras auxiliares, em unanimidade, afirmam que a liderança das pastoras provém de um “chamado de Deus”, como

²³ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. São Paulo: Ed: da Universidade de Brasília, 1999, p. 187.

²⁴ WEBER, 1999, p. 191.

²⁵ WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

²⁶ WEBER, 1982, p. 287.

algo sobrenatural. A membresia fala sobre a liderança das pastoras de forma heroica: “aquela que cuida”, “que é como uma mãe”, “atenciosa”, “forte”. Atributos de uma “heroína”.

Podemos assemelhar a dominação a qualquer situação em que encontramos indivíduos subordinados ao poder de outros. Mas a dominação difere das relações de poder, em geral, por apresentar uma tendência a se estabilizar, a procurar manter-se sem provocar confrontos. Em outras palavras, as relações de dominação dentro de uma sociedade se caracterizam por buscar formas de legitimação, de serem reconhecidas como necessárias para a manutenção da ordem social.

A partir das ideias do movimento feminista, as mulheres começaram a se posicionar frente às relações de poder exercidas sobre elas e impostas por uma cultura patriarcal. Mas, ao romperem com imposições masculinas, as mulheres fazem uma transformação em vários âmbitos da sociedade. Um desses âmbitos é a religião.

Considerações finais

O fenômeno de Igrejas fundadas por mulheres no século XXI revela uma clara ruptura com as Igrejas lideradas por homens típicas do século XX. A liderança do pastorado feminino como um fenômeno religioso atual aponta para a dificuldade das mulheres no que diz respeito ao posicionamento em uma hierarquia eclesiástica. Isso é fruto de uma longa história marcada por uma cultura e um discurso androcêntrico.

Para Elizabeth Schüssler Fiorenza, na humanidade, o discurso linguístico é masculino, voltado para o homem²⁷. A mulher é o outro, ela não é vista como um sujeito, mas sim relativa ao homem. Há uma necessidade de haver estudos que abarquem as mulheres, pois até então os textos bíblicos são contados a partir da cultura androcêntrica. As mulheres são colocadas à margem desde as antigas e rígidas interpretações dos textos bíblicos, pois esses são marcados pelo viés do androcentrismo cultural e religioso. Porém, através do próprio discurso divino, as mulheres rompem com as fronteiras culturais.

O meio evangélico é permeado por tensões sobre essa liderança. Ao assumirem cargos de liderança, ainda que algumas Igrejas aceitem mulheres como pastoras, a figura masculina impõe uma hierarquia. Ao receberem o “chamado de Deus” para exercerem o pastorado, essas mulheres que não obtiveram espaço nas Igrejas que pertenciam, buscam viabilizá-lo. Ao assumirem a fundação e a liderança das suas próprias Igrejas, essas pastoras mantêm o domínio.

Nos três casos, as pastoras líderes se empoderam do lugar que lhes é dado por uma autoridade que é superior à cultura patriarcal, a autoridade de Deus. E justificam suas ações por meio do discurso divino.

²⁷ FIORENZA, 1992, p. 67.



Nesse novo cenário religioso, em que as mulheres se apropriam, criam e reinventam espaços dentro da religião, elas alcançam e desempenham um novo papel no âmbito da fé religiosa, com a perspectiva de romper com estruturas históricas demarcadas pela cultura patriarcal e, especialmente, com as estruturas criadas por nossa cultura ocidental cristã.

Referências

BANDINI, Claudirene. *Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais*. Salvador: Editora Pontocom, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Vol. I, II. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

_____. *A dominação masculina*. 2. Ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

GEBARA, Ivone. *Poder e não poder das mulheres*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

_____. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GUGLIELMONI, Rosane Aparecida de Souza. *Religião e gênero: Igrejas evangélicas fundadas por mulheres na região industrial de Contagem, Minas Gerais*. [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – PUC/Minas, 2015.

NUNES, Maria José Rosado. A sociologia da religião. In: USARSKI, Frank (Org.) et al. *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ROESE, Anete. Religião e feminismo descolonial: Os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI. In: *Revista Horizonte*, vol. 13, n. 39, p. 1534-1558, Belo Horizonte: PUC Minas, 2015.

SANTOS, Maria Goreth. *A mulher na hierarquia evangélica: o pastorado feminino*. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Sociedade*. Porto Alegre: Faculdade de Educação da Universidade do Rio de Grande do Sul, 1990.

_____. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. 2. ed. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1995.



SOUZA, Sandra Duarte; SANTOS, Naira Pinheiro dos. *Estudos Feministas e religião: tendências e debates*. In: SOUZA, Sandra Duarte; SANTOS, Naira Pinheiro dos. 1. ed. Curitiba: Primas, 2015.

SILVA, Janine Targino da. *Lideranças pentecostais femininas: um estudo sobre a fundação de igrejas evangélicas por mulheres em Nova Iguaçu – RJ*. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

_____. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. São Paulo: Ed. da Universidade de Brasília, 1999.

WOODHEAD, Linda. Mulheres e Gênero: uma estrutura teórica. In: *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 1-11. São Paulo, 2002.

Anexo: Roteiro de entrevistas

Perguntas dirigidas para as pastoras:

Idade e estado civil

O marido também é pastor?

Grau de instrução

Ao longo da sua trajetória, por quais igrejas ou religiões você passou?

De onde partiu a ideia de abrir uma igreja?

Como funciona a sua igreja?

O que você pensou para organizar a sua igreja?

Qual o perfil do público da igreja?

Qual o significado do nome da igreja? Por que esse nome?

Quantos membros a igreja tem?

Possui auxiliares? Quantos e qual a função de cada um?

Liderança e Poder

Quem manda em sua igreja?

Como você acha que os membros vêm a sua liderança?

Como você analisa a sua liderança?

Quais as dificuldades encontradas para liderar a igreja?

Pensou algo que não queria que tivesse em sua igreja ou algo que você queria que tivesse ao que tange liderança?

Já enfrentou dificuldades para disciplinar, corrigir, chamar atenção de algum membro homem por ser mulher?

O que você fazia na outra igreja? Exercia cargo de liderança?

Como é sua relação com os membros da igreja?

**Perguntas dirigidas para as(os) auxiliares**

Idade e estado civil

Grau de instrução

Há quanto frequenta essa igreja?

O que você acha da liderança da sua pastora?

Como você percebe sua relação com a liderança da sua pastora?

Como é a sua experiência. É diferente trabalhar com uma mulher como pastora do que com um homem?

Perguntas dirigidas para aos membros

Idade e estado civil

Grau de instrução

O que você acha da liderança da sua pastora?

Como você percebe sua relação com a sua pastora?

Como é ser pastoreado(a) por uma mulher?

[Recebido em: Fevereiro de 2019/
Aceito em: Junho de 2019]